

PROJETOS DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA O RIO DE JANEIRO E A PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

João Paulo Barbosa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
eco.joaopaulo@gmail.com

Resumo

Neste ano de eleições municipais, desenvolvemos esta pesquisa acadêmica sobre as recentes políticas educacionais e outras demandas da cidade do Rio de Janeiro. Fazemos aqui uma análise de discursos de diferentes atores sociais. Foram investigados os sites relacionados à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro e os depoimentos de, até o momento, 20 profissionais da educação que trabalham no município. Especificamente, abordamos aqui: (1) políticas de formação continuada, respeito e valorização do professor; (2) investimentos no uso planejado e crítico de novas tecnologias em sala de aula; (3) introdução do planejamento profissional como temática extracurricular importante; e (4) a necessidade de investimentos na primeira infância.

Palavras-chave: Políticas Educacionais. Rio de Janeiro. Professores.

Introdução

Por ocasião das eleições de 2016 no município do Rio de Janeiro, tivemos a oportunidade de participar do grupo de trabalho para a elaboração de propostas na área educacional do partido Rede Sustentabilidade. Além disso, como pesquisador do Nucleas – Núcleo de Estudos da Américas e doutorando em História Política na Uerj, passamos a desenvolver esta análise acadêmica sobre as recentes políticas educacionais e outras demandas da cidade do Rio de Janeiro, contando com a participação de professores e profissionais da educação básica.

Uma das questões intrigantes nesse contexto é buscar compreender porque a educação serve tanto de interesse eleitoral como é uma das áreas que mais sofrem com a ausência de políticas educacionais eficientes. Sendo assim, como pensar um projeto de políticas educacionais que ultrapasse o aspecto meramente governista?

Um dado é revelador desse interesse político. Conforme se analisa no site da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, na guia “Imprensa/Releases”, não há registros, em 2014 e 2015, da divulgação de inaugurações de escolas na cidade. No entanto, em 2016, ano eleitoral, há pelo menos seis notícias apregoando a abertura de mais de uma dezena de escolas¹.

Metodologia. Do ponto de vista metodológico, fazemos aqui uma análise de diferentes discursos (ORLANDI, 1999), de forma que buscamos confrontar o que a Secretaria Municipal de Educação diz sobre a educação do Rio de Janeiro e a percepção de professores sobre o dia a dia do trabalho, das escolas, dos alunos e da gestão escolar. Foram analisados os sites relacionados à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro e os depoimentos de, até o momento, 20 profissionais da educação que trabalham no município.

A análise do discurso “considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer” (ORLANDI, 1999, p. 16). Acreditamos que esses personagens são atores relevantes para a investigação do tema proposto. Por vezes, os discursos da Secretaria Municipal de Educação e dos professores parecem ser concorrentes para o dimensionamento da realidade da educação carioca. De forma simplificada, podemos dizer que esses diferentes personagens quando falam sobre educação na cidade parecem estar abordando realidades completamente diferentes ou pelo menos abordam a questão a partir de enfoques diferentes.

Neste trabalho, especificamente, enfatizaremos apenas cinco temáticas que fazem parte dessa pesquisa mais ampla sobre políticas educacionais para o município do Rio de Janeiro. Abordamos aqui: (1) políticas de formação continuada, respeito e valorização do professor; (2) investimentos no uso planejado e crítico de novas tecnologias em sala de aula; (3) introdução do planejamento profissional como temática extracurricular importante; e (4) a necessidade de investimentos na primeira infância.

Assim, muitos outros temas importantes que estamos debatendo com professores da rede municipal de ensino ficaram de fora desta apresentação, mas

¹ Conforme pode-se observar nos releases apresentados pela própria SME. Disponível em: www.rio.rj.gov.br/web/sme/aviso-de-pauta. Acesso em: 25.08.16.

serão abordados em outras oportunidades, como infraestrutura escolar, aprendizagem e desenvolvimento integral dos alunos, atividades extracurriculares, temas transversais, participação da família, gestão educacional democrática, educação especial, violência e tráfico.

Políticas de valorização profissional e condições de trabalho

É comum a sociedade ou a administração pública jogarem indiretamente grande parte da culpa dos problemas da educação nas costas dos professores. Na prática, os professores podem ser os personagens que mais conhecem a realidade das crianças e dos adolescentes, as suas necessidades educacionais e até mesmo familiares e melhor poderiam colaborar para as políticas educacionais caso fossem valorizados profissionalmente e fizessem parte das estratégias adotadas de políticas educacionais.

"Investir em formação de professores" é necessário, mas não somente, pois causa a falsa impressão de que o problema se resume à formação inadequada do docente. Dentre os investimentos necessários em educação, aqui vamos abordar a necessidade de formação continuada e políticas de valorização do professor.

A formação de professores é etapa básica para o ingresso no magistério. No município do Rio de Janeiro, professores para darem aula nas escolas públicas passam por um processo restritivo de concurso público, que prevê que sejam formados nas áreas respectivas. Porém, de fato, nem todos os cursos do mercado parecem possuir grau de qualificação equivalente às demandas profissionais.

Permanecer estudando é intrínseco à tarefa educativa. Porém, é na sistematização desse estudo para atender às necessidades programáticas da sociedade que consiste a formação continuada. No entanto, como permanecer estudando sem que o Estado ofereça recursos para a formação continuada ou não valorize corretamente aqueles professores que buscam cursos, especializações e mestrados por conta própria?

Às vezes também pensamos formação continuada apenas como o desenvolvimento de estudos em longa duração. No entanto, grupos de estudo,

encontros periódicos, debates, seminários, oficinas, entre outros, também são modalidades de promoção de formação continuada. Se os professores reclamam da ausência de carga horária para planejamento das aulas, o que dirá o necessário tempo para se especializarem.

Perguntamos aos professores participantes desta pesquisa se o município do Rio de Janeiro oferece algum programa ou convênio de formação continuada para os docentes. As respostas não foram positivas. Na maior parte das vezes, revelaram que percebem eventos aleatórios. Citaram que: desconhecem, não há, “só ocasionalmente”, “alguns poucos cursos”.

De acordo com uma declaração, “de vez em quando aparecem cursos de atualização em várias áreas, o problema é que os professores não são isentos de dar as aulas, por esse motivo, muitos não podem fazer”. “Existem cursos de formação através da Escola de Formação do Professor Carioca - Paulo Freire, mas é difícil os professores serem liberados para fazê-los”, revela outro docente.

Alguns concordam e outros discordam sobre os benefícios práticos dos cursos. “Por muitas vezes essas atualizações são interessantes, principalmente quando são relacionados aos conteúdos”; “Quando aparece algum curso de formação continuada, resume-se em um curso de um dia, com debates e discussões pouco proveitosas”; “Para minha área (língua inglesa) há um convênio onde duas vezes ao ano são apresentadas ‘dicas de atividades’, muitas vezes fora da realidade do contexto da escola pública”.

Um respondente foi mais detalhista, mas revelou também limites nessa formação continuada: “O município oferece formação continuada para os professores de 1º, 3º e 5º ano. Os professores possuem uma formação global, mas principalmente focada no desenvolvimento da leitura e da escrita (português)”.

No âmbito da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, os dados sobre a Escola de Formação do Professor Carioca - Paulo Freire não revelam eficácia da proposta da instituição. Em seu site, também pode-se perceber que o projeto não tem sido realizado com êxito e continuidade.

Em termos de formação continuada, também é possível citar os desafios em torno do uso de recursos tecnológicos e laboratoriais em sala de aula. Além da falta de infraestrutura e velocidade da internet, é preciso também trabalhar com os

professores as melhores formas de aplicação e uso em sala de aula dos novos recursos tecnológicos.

Outro aspecto desafiador que é recorrente entre as demandas dos professores está relacionado à educação especial. A complexidade de muitas deficiências dos alunos integrados nas turmas comuns revela não apenas a necessidade de formação na área, mas também a necessidade de mais recursos humanos e tecnologias assistivas para promover a inclusão em sala de aula.

De acordo com dados do município, até 2015 eram 464 Salas de Recursos Multifuncionais. No entanto, o número de escolas municipais é de 1.496 unidades, isto é, mais de dois terços do número atendido com as salas para portadores de deficiências. São 4.581 alunos em nas classes extras e 8.758 incluídos em turmas regulares, em que muitos professores se sentem despreparados para trabalhar com os deficientes.

As políticas educacionais precisam estar inseridas em um contexto de respeito e valorização dos professores e demais profissionais da educação. Na pesquisa *Global Teacher Status*, divulgada em 2013, entre 21 países, o Brasil ficou em penúltimo em respeito e valorização do professor². Mudar este panorama é um objetivo inclusive da meta 17 do Plano Nacional de Educação.

Também analisamos a percepção dos docentes sobre as condições de trabalho do professor. Não houve respostas expressivamente afirmativas, pelo contrário, as condições são descritas como: “insatisfatórias”, “péssimas”, “muito ruins”, “realmente deixam a desejar”, “extremamente difíceis”.

Os professores descrevem que há falta de material didático e audiovisual para aulas diferenciadas, falta até mesmo canetas para escrever no quadro, papel para xerox, projetores. Aliado a esses recursos insuficientes, a falta de acesso à internet também é destacada, problema que afeta a maior parte das escolas do município. “Quando solicitamos algo a mais, sempre faltam verbas, resumindo o trabalho geralmente a cuspe e giz mesmo, além da criatividade de cada professor”, destaca um docente.

É interessante que as condições para o trabalho foram associadas principalmente a questões materiais na percepção da maior parte dos depoentes.

² Disponível em: www.edudemic.com/global-teacher-status-index/. Acesso em: 25.08.16.

Apesar das baixas remunerações, a questão salarial foi pouco destacada, revelando que o professor está preocupado com a qualidade da sua aula. Os recursos materiais foram pensados em relação ao dia a dia em sala de aula. Assim resume um participante: “Faltam verbas para a instrumentalização do professor. Não temos verbas nem para caneta de quadro branco, ainda mais para livros paradidáticos, para compra de materiais, como jogos didáticos, modelos em 3D, laboratório etc.”.

Além disso, os professores também descrevem que turmas cheias podem dificultar o processo de ensino. Já para um dos respondentes, “não há um apoio da direção no desenvolvimento das atividades, e o professor atualmente se encontra solitário nesse processo educacional”. “Percebemos que os professores muitas vezes resolvem tudo sozinhos da maneira que é possível, sendo sobrecarregados, mas fazendo o que a realidade permite”, destaca um dos participantes da pesquisa. De acordo com outro, “não há tempo de planejamento”.

Outro depoimento enfatiza: “na realidade se pega um ‘lote’ de alunos para tomar conta deles por certo tempo, materiais próprios são raros, uso de outros espaços é quase impossível, há alunos com sérios problemas de comportamento e, assim, é difícil conseguir manter a atenção da turma”.

Deve partir da administração pública o interesse por considerar os importantes desafios que os professores vivenciam em sala de aula e demonstrar o apreço necessário pela função, além da coparticipação no processo de aperfeiçoamento da educação. Além de escolas e salas de aulas adequadas, é imprescindível estimular a criação e a melhoria de planos de carreira e de salários aos professores. Uma carreira bem estruturada dá a segurança para que o professor planeje o seu futuro com qualidade de vida e perspectiva de realização profissional.

Diante dos desafios de superação das desigualdades, as condições de trabalho do professor precisam ser melhoradas em todas as escolas, com mais infraestrutura e recursos, laboratórios equipados, ferramentas tecnológicas, salas com ar-condicionado, salas de professores adequadas. O professor deve ter respeitada uma carga horária específica para planejamento das aulas. Além disso, o processo de adoecimento e desestímulo que muitos professores enfrentam deve ser prevenido, pois reflete a falta de estrutura que o profissional enfrenta para realizar um trabalho extremamente complexo.

Uso de novas tecnologias em sala de aula

A implantação de novas tecnologias em sala de aula tem ampla importância atual frente à competitividade global, mas ainda enfrenta resistências políticas, pedagógicas, culturais, financeiras e profissionais. Os desafios são difíceis de serem superados e envolvem diversos personagens relacionados à escola: gestores públicos e privados, direção escolar e, especialmente, professores e alunos.

Assim como a não utilização, usar recursos tecnológicos de forma irrefletida também pode ser contraproducente. O uso dos diferentes meios contemporâneos deve ser planejado, numa perspectiva de longo prazo, podendo, assim, trazer benefícios diversos para a dinâmica da sala de aula, além de valorizar a participação ativa dos estudantes através de formas locais de aplicação, transformação e produção do conhecimento. Mais do que a absorção de conteúdos, os novos meios demandam um espaço de construção conjunta e compartilhada do saber.

Um exemplo interessante de como o uso das tecnologias pode ser diversificado foi realizado no Colégio Municipal de Indaial em Santa Catarina, em conjunto com o Instituto Maria Auxiliadora de Porto Alegre. Alunos do 4º ano do ensino fundamental interagiram por meio de videoconferências com colegas de outros estados. Envolvidos com um projeto interdisciplinar sobre animais em extinção, as crianças mapearam e fizeram apresentações aos colegas de outros lugares das espécies ameaçadas em suas regiões. A interação em tempo real por um computador com acesso à internet tornou o aprendizado ainda mais dinâmico e instigante para os alunos.

As possibilidades podem ser bastantes simples também, podem se expressar através das redes sociais, de rádios e jornais escolares, de jogos, da produção de fotos e até mesmo por meio da produção audiovisual. Imagine, por exemplo, uma turma em que os alunos elaboram em conjunto um blog, usando diferentes recursos, sobre aquele conteúdo que estão acostumados a estudar para a prova no final do bimestre.

Grande parte dos recursos tecnológicos - celulares, tablets, internet - já são populares entre muitos alunos e professores em seu uso pessoal. O desafio se torna o Estado e os profissionais de educação introduzi-los em sala de aula, como política educacional e como recursos pedagógicos.

Na pesquisa sobre o tema, de acordo com professores da cidade do Rio de Janeiro, a infraestrutura tecnológica nas escolas é descrita geralmente como “ruim” ou “péssima”. Em um caso, segundo o professor, a sala de informática já está defasada. Para outro, a tecnologia na escola “ainda caminha a passos muito lentos”. Enquanto isso, um relato destaca que é preciso “melhorar, principalmente no que se refere à manutenção”.

“Só existe computador conectado à rede para professores”, relata um docente. A falta de internet também é citada, além de falta de tomadas, computadores inutilizados, rede elétrica com problemas.

Em 2013, a escola Municipal André Urani na Rocinha teve uma experiência piloto no Rio de Janeiro, com o objetivo de pensar novos processos educacionais no século XXI. Com a introdução dos chamados Ginásios Cariocas – atualmente são 38 no município –, o espaço escolar daquela instituição foi reformulado para comportar uma nova proposta pedagógica, incluindo novos recursos e métodos educacionais. Cada aluno passou a ter acesso a um tablet e todas as dependências da escola passaram a ter internet sem fio.

No entanto, a maioria das escolas cariocas não tem sequer a opção de usar a internet para o processo de dinamização do ensino. No Rio de Janeiro, 73% das escolas têm conexão à internet com qualidade ruim ou péssima, revelou uma pesquisa divulgada em março deste ano, realizada pelo Instituto Desiderata em parceria com a PUC-Rio e a Secretaria Municipal de Educação³.

Dois entrevistados resumem assim a sua percepção mais imediata sobre o assunto em suas escolas:

- A escola possui projetor, TVs e DVDs. Mas não existem em todas as salas e nem para todos os professores, dificultando o trabalho. Os netbooks foram roubados da escola, para utilizar o projetor é necessário ter um notebook pessoal.

- Temos o básico: projetor nas salas de aula e alguns rádios, mas falta manutenção. Por exemplo, um projetor quebrou, outro despencou da parede e até hoje não foram consertados.

³ Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/antonio-gois/post/tem-mas-nao-funciona-pesquisa-mostra-que-em-73-das-escolas-municipais-cariocas-qualidade-da-conexao-internet-e-ruim-ou-pessima.html>. Acesso em: 25.09.16.

O zelo pelos equipamentos públicos também precisa ser praticado, reclamam os docentes. Aparelhos depredados e até mesmo roubados prejudicam a todos os usuários. Além da necessária atualização e da manutenção dos equipamentos – que pode ser realizada durante as férias, por exemplo –, é necessário conscientizar os alunos sobre a importância da preservação dos recursos tecnológicos. Uma forma é envolvendo os alunos na gestão do patrimônio escolar. A questão é como fazer isso?

Dentre as principais dificuldades descritas para a introdução de recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizado estão, por exemplo, a falta de formação na área para os profissionais da escola e a ausência de recursos financeiros da Prefeitura para a implantação ou manutenção de um sistema eficiente de tecnologia nas escolas.

Este relato parece resumir a problemática descrita comumente pelos professores: “A internet até hoje não funciona [...]. Não temos computadores individuais para cada aluno. Falta de manutenção dos poucos recursos que possuímos (projektor). Os professores precisam de formação na área. Não basta apenas instalar tais recursos, é necessário formação”.

Já para este deponente “a principal dificuldade é a escola ter o material necessário. Se a escola possuísse, não existiria dificuldade alguma. Os alunos adoram aulas diferenciadas com vídeos, músicas, histórias digitalizadas. Uma dificuldade que pode existir é o professor não saber utilizar tal material”.

Outro problema apontado é a falta de comprometimento dos gestores públicos, “que enviam computadores para as escolas ultrapassados, sem internet e para unidades escolares sem estrutura elétrica e física para suportar os equipamentos”, afirma um docente.

Um professor descreve que há resistência por parte dos docentes. Apesar desse fator cultural, se o cenário descrito é de grave ausência de investimento público efetivo na área e falta de diálogo, conscientização e políticas de formação profissional, torna-se até mesmo compreensível a resistência dos professores.

Esse conjunto de fatores é reproduzido na dinâmica do processo de ensino e aprendizado em sala de aula. Quando perguntados se, em suas escolas, recursos como rádios, jornais, fotos, blogs, redes sociais, produção audiovisual, eletrônica e

robótica são utilizados para a produção de conhecimento com os alunos, os professores geralmente afirmam que “não”, “raramente” ou “muito pouco”.

Para um professor, “os poucos projetos nessas áreas pouco se integram ao conhecimento em sala de aula”. Para outro, “jornais, fotos e redes sociais até são usados, mas muito raramente”. “Nas minhas aulas utilizo o som e o projetor. Mas esses outros recursos não existem”, destaca outro docente.

Apontando mais para o aspecto expositivo de uma aula, um dos entrevistados destaca que, se o professor utilizar o projetor, “poderá permitir mais facilmente o acesso (dos recursos do computador) aos alunos”. Apesar dessa observação, mais que a reprodução de uma aula expositiva tradicional adaptada para a forma digital, é preciso enfatizar que as tecnologias modernas permitem uma interação muito maior dos alunos no processo de produção, construção e compartilhamento do conhecimento.

É bem verdade que o uso excessivo ou inadequado dos instrumentos tecnológicos também pode ser pernicioso e descaracterizar os objetivos educacionais propostos. No entanto, a utilização de forma ponderada e adequada é imprescindível e trata-se também de inclusão social e inclusão de deficientes.

Planejamento profissional

Perguntei a professores, que interesses em qualificação profissional percebiam nos alunos e a partir de qual idade. As respostas não são unânimes:

- Muito raro isso acontecer e quando acontece é a partir do oitavo ano.
- Eles não têm perspectiva alguma. Poucos conversam sobre o assunto e falam em ser dentista, médico, jogador de futebol.
- Os alunos do 3º ano, com 8 anos, demonstram interesse em carreiras como bombeiro, médico, professor e soldado.
- Alguns manifestam interesses, mas é pontual, todas as idades.

A preocupação profissional é algo que acompanha toda a nossa vida. As representações sobre trabalho existem desde que somos crianças e nos acompanham até mesmo quando aposentados. Imersos em currículos e disciplinas

específicas, na escola, um lugar que é muito associado ao desenvolvimento para a vida profissional, não se aborda, de forma programática e planejada, o mundo do trabalho em toda a sua complexidade. Resultado, partimos do bel prazer das representações sociais diversas sobre o trabalho, cuja lógica mercadológica predomina, para pensar a vida profissional. O tema tem sido introduzido nos Ginásios Cariocas, que atendem aos alunos do 7º ao 9º ano, mas ainda é preciso investigar seus resultados.

Como a desigualdade social no Rio de Janeiro é muito grande, infelizmente, muitos estudantes desconhecem as dificuldades do mundo do trabalho contemporâneo, o que impacta diretamente nas expectativas profissionais. A formação educacional e a inserção laboral de jovens pobres poderão repercutir diretamente na qualidade de vida, nas condições financeiras e no planejamento familiar, em realidades que, por vezes, são extremamente segregadoras e precárias.

Diante disso, seria precoce abordar o planejamento profissional desde a primeira infância e durante o ensino fundamental? Não temos uma resposta para essa pergunta. Mas parece ser necessário pensar na vida futura profissional das crianças oriundas das classes pobres cariocas. Terão oportunidades para competir no mercado de trabalho e se inserirem em áreas de prestígio?

Considero muito importante inserir planejamento profissional ao menos nas escolas de ensino médio, mas também acredito que nada impede que isso seja feito já desde o ensino fundamental, respeitando-se cada faixa etária e o desenvolvimento de cada criança.

No entanto, nas escolas municipais do Rio de Janeiro, são poucos os registros do desenvolvimento de atividades de planejamento profissional. Para além dos Ginásio Cariocas, que ainda se limitam a 38 escolas, o programa "Mais Educação", promovido pelo governo federal como forma de promoção da educação integral, por exemplo, não oferece atividades nesse sentido. Certamente no dia a dia em sala de aula, professores estimulam os alunos, sobretudo os que demonstram maior interesse. "Sempre converso de maneira informal sobre a vida profissional dos alunos para que eles compreendam a realidade", diz um professor entrevistado.

As escolas também não têm a estrutura necessária para acompanhar os alunos após o término dos estudos e, com isso, não têm como saber se os alunos

permanecem estudando, trabalhando, em que área, que dificuldades enfrentam. "Vez ou outra vem uma notícia de algum que passou no vestibular ou concurso, mas sem nenhuma ligação com a escola", relata um professor do município.

Como implantar um programa de planejamento profissional nas escolas? Talvez o caminho mais curto seja torná-lo uma atividade extracurricular ou até mesmo um tema transversal que pode ser desenvolvido de forma conjunta e planejada pela coordenação e os professores da escola. Também são importantes projetos que dialoguem com empresas com boas práticas empresariais, pois planejamento profissional envolve, além de uma visão crítica sobre o mercado de trabalho, o conhecimento de práticas laborais e até mesmo a vivência de experiências profissionais.

Há um receio natural de que a educação se torne subserviente aos interesses do mercado. Considero esse medo que evita o diálogo como prejudicial para o dimensionamento do problema. Há uma distância forte entre universidade, escola e mercado de trabalho, de forma que as práticas do mercado podem, por vezes, até mesmo contradizer valores educacionais. A promoção de projetos com empresas responsáveis pode colaborar para que o mercado de trabalho também se torne mais consciente da importância de boas práticas de gestão de pessoal.

Investimento educacional na primeira infância

Conforme dados da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, atualmente são 247 creches públicas, 234 EDIs - Espaços de Desenvolvimento Infantil e 160 creches conveniadas, atendendo 151.290 crianças de 0 a 6 anos. Porém, apenas na lista de espera, ainda existem mais de 42 mil crianças, de acordo com dados da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, o que expõe a necessidade da ampliação da oferta de creches e pré-escolas para atender mais crianças, além da necessária qualidade.

Quanto mais cedo uma criança for estimulada, melhor será o seu desenvolvimento integral, é o que defende James Heckman, em seus estudos sobre o tema (2007). De acordo com o pesquisador, quando crianças de 0 a 5 anos recebem

educação de qualidade, o desenvolvimento social, cognitivo e educacional traz benefícios não apenas para os indivíduos mas para toda a sociedade. Dependendo das condições locais, para cada valor gasto na educação de uma criança, ela vai gerar a mais retornos anuais de 7% a 10%. Na idade adulta, apresenta maior nível educacional, renda mais alta e probabilidades mais baixas de prisão, gravidez precoce e dependência de programas de transferência de renda.

Numa família em que não houve nenhum incentivo à educação infantil, os investimentos em políticas educacionais para adolescentes são muito importantes para atenuarem os prejuízos e inserirem o indivíduo na sociedade. De acordo com Heckman, “uma criança de 8 anos que recebeu estímulos cognitivos aos 3 conta com um vocabulário de cerca de 12 mil palavras - o triplo do de um aluno sem a mesma base precoce”. O processo de aprendizado de uma gama de coisas fica mais lento depois da primeira infância e também 60% mais caro, explicou o economista ao site *Educar para Crescer*⁴.

A relação entre escola e família é essencial para o bom desenvolvimento do indivíduo. Mas debater esse assunto ainda é difícil. Quando os pais não dão apoio à criança, como o Estado pode interferir para atenuar os efeitos do descaso familiar? Torna-se ainda mais insustentável quando o problema é olhado mais do ponto de vista policial do que em termos de políticas educacionais para as famílias, as crianças e os adolescentes.

No Brasil, somam-se aos problemas familiares as deficiências no setor de educação infantil envolvendo falta de creches e pré-escolas, além de condições precárias de funcionamento de muitas instituições. Mesmo no Ensino Fundamental, a falta de gestão e investimento público continua. Para Heckman, os países que investiram na formação educacional nos primeiros anos de vida tiveram maior desenvolvimento econômico, como foi o caso da Coreia do Sul nas últimas décadas.

Para Heckman, não são apenas habilidades cognitivas que são determinantes para o desenvolvimento de uma pessoa. Outras habilidades relacionadas ao autocontrole, à motivação e ao comportamento social também precisam ser estimuladas no começo da vida.

⁴ Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/entrevista-james-heckman-477453.shtml>. Acesso em: 25.08.2016.

Considerações Finais

A pesquisa enfatizou a importância de políticas de formação continuada, respeito e valorização do professor; a necessidade de investimentos para o uso planejado e crítico de novas tecnologias em sala de aula; a importância da introdução do planejamento profissional como temática extracurricular importante; e a necessidade de investimentos na primeira infância.

Os temas fazem parte de uma pesquisa exploratória em fase de desenvolvimento no município do Rio de Janeiro. Outros temas importantes também estão sendo investigados junto aos professores da rede municipal de ensino e serão abordados em outras oportunidades, tais como, infraestrutura escolar, aprendizagem e desenvolvimento integral dos alunos, atividades extracurriculares, temas transversais, participação da família, gestão educacional democrática, educação especial, violência e tráfico.

Referências Bibliográficas

HECKMAN, J. J. and MASTEROV, D. V. The Productivity Argument for Investing in Young Children. **Review of Agricultural Economics**, 29(3), 2007, 446–493.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

Sites consultados:

Educar para Crescer (www.educarparacrescer.abril.com.br)

Escolas do Amanhã (www.escolasdoamanha.rioeduca.rio.gov.br)

Ginásio Experimental Olímpico (www.ginasioexperimentalolimpico.net)

MultiRio (www.multirio.rio.rj.gov.br)

Rioeduca (www.rioeduca.net)

Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (www.rio.rj.gov.br/web/sme)